



> POLAROIDS:
UM EXPERIMENTO METODO-
LÓGICO NA SERRA LEOA
(ÁFRICA DO OESTE)

FOTOGRAFIAS CAPTURADAS POR:

BINTA BAH, MARIAMA HASSAN, FATMATA AMARA, AMIN ABUH, DORIS VANDI, MUSTAFA MANBU, MOHAMED JOE, OMANA AMARA, MESSIE MOMOH, SALIMATU SAMIDU, FATTY WILLIAMS E DENISE PIMENTA

Komende Luyama – Serra Leoa (2015)

TEXTO Rediçido POR:

DENISE PIMENTA

> pimenta@usp.br

Doutoranda e Mestra em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Membro do Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (NAPEDRA) e do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (LabNAU).

Freetown – Serra Leoa (2017)

*... a fotografia não visa à excitação e à sugestão,
mas à experimentação e ao aprendizado.*

Walter Benjamin
(1994, p. 106)

Polaroids é um ensaio fotográfico que nasce do encontro de uma antropóloga brasileira e uma comunidade localizada na Serra Leoa, pequeno país da África do Oeste. Realizado em dezembro de 2015, logo após o anúncio do fim da epidemia de Ebola, divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Komende Luyama é um vilarejo situado no distrito de Kenema, território da etnia Mende, região sudeste do país. A comunidade possui 60 casas com pouco mais de mil habitantes, muitos destes, crianças. Lugar que foi atingido severamente pela epidemia de Ebola dos anos 2000.

Esse é, portanto, o cenário de minha pesquisa de doutoramento em Antropologia Social, tendo como foco a busca pelas narrativas, muitas vezes

silenciadas, das mulheres sobreviventes da epidemia, intitulada provisoriamente: “O Gênero da Sobrevivência: por detrás do Ebola”. As sobreviventes de Komende são algumas das interlocutoras privilegiadas desta etnografia, sendo oito mulheres (cinco adultas e três crianças). Contando também com três homens, jovens adultos.

As polaroides, em sua maioria, foram tiradas por este grupo de 11 pessoas, em um revezamento que permitiu que todos pudessem ter suas imagens capturadas e também experimentar o uso da câmera *Polaroid*. Tirávamos duas fotografias, uma ficando com a(o) interlocutor(a) e outra comigo, a antropóloga. Muitas das imagens, que aqui não aparecerem, não foram duplicadas, estando apenas com as(os) interlocutoras(res) da comunidade, contando outras histórias, alhures.

Adquirir uma máquina *Polaroid* fazia parte de um experimento que venho realizando desde o mestrado em Antropologia Social, o qual foi nomeado, em um dos capítulos da dissertação, *Gift's Methodology: ou, sobre o envio de cartas e fotografias*. Ou seja, *gift* como dom, dádiva. Assim, as fotografias registradas das(os) interlocutoras(res) sempre eram enviadas a eles nos mais diversos cantos do Brasil, circulando-as numa economia da dádiva da pesquisa.

No momento em que parti para a África, entendi que com este experimento pudessem surtir muitas conversas e trocas variadas. Porém, encontrava-me receosa de como recarregaria a bateria de uma câmera digital em locais sem energia elétrica e ainda, como imprimira as fotografias quando não estivesse na capital de Serra Leoa, Freetown. Assim, parti do Brasil com uma pequena câmera *Polaroid*, inúmeras caixas de folhas de instantâneos e a ideia de que este método de impressão imediata e consequente troca de imagens surtiria em criação de laços entre a comunidade e a pesquisadora e que também pudesse revelar afetos entre as(os) próprias(os) interlocutor(a)(res).

Imprescindível descrever que o ambiente no qual foram capturadas as imagens, apesar de aparentar relativa harmonia e tranquilidade, no entanto, mostrou-se um momento tenso e denso. A meu convite, numa manhã de dezembro, chegavam em grupo ou sozinhas(os), sobreviventes para conversarmos sobre as vivências e experiências do período em que a comunidade se encontrava em quarentena e muitas das casas foram fechadas (*lockdowns*), época em que o trânsito de pessoas era vigiado e a entrada e saída da comunidade eram proibidas. Com a ajuda do aparato médico-policial, Komende era um lugar evitado e temido pela sociedade ao redor.

O encontro foi marcado por um longo silêncio, intercalado por poucas falas. Estas iniciadas principalmente pelos poucos homens. Apenas dois deles, para além da língua da etnia, podiam falar e entender razoavelmente a língua inglesa (língua oficial da Serra Leoa). As mulheres, falantes de Mende, sem conhecimento do inglês, permaneciam silenciosamente atentas, vez ou outra se pronunciavam, mas voltavam a se calar. De certa forma, todos tendiam ao silêncio e, não apenas por uma barreira

linguística, na medida em que em outros momentos conseguíamos interagir sem a língua ser necessariamente um empecilho incontornável para a nossa comunicação.

O silêncio, intercalado por poucas falas e interjeições, era um palimpsesto de sentidos e afetos, camadas de memória de tempos passados e presente, nas quais se encontravam as lembranças de uma guerra civil que durou mais de 10 anos (1991-2002), que marcou os corpos com mortes, estupros e amputações de membros superiores de muitas(os) serra-leonenses e que tornou corpos infantis em corpos soldados. Sendo as perdas humanas, lutos e traumas da epidemia de Ebola as camadas da história presente, que tão logo já estão, também elas, sendo soterradas.

Há nas fotografias uma tênue fronteira entre silêncios, não-ditos, desejo e impossibilidade de esquecimento, uma vontade de que a vida volte a seguir o movimento diário e comezinho. Existe o confessável, mas sem dúvida, as imagens estão abarrotadas de sentidos inconfessáveis. Como lembra Michael Pollak (1989), opondo-se ao entendimento coletivo, à história construída e contada como oficial, para além das memórias nacionais e internacionais; existem lembranças que são transmitidas apenas de maneira informal, numa rede familiar e comunitária, esta que eu, como pesquisadora, tento acessar e seguir.

Este ensaio, apesar de não ter sido pensado e elaborado como um projeto, a princípio, muito informa sobre a trajetória da pesquisa que teve como momento inicial o questionamento da invisibilização das mulheres serra-leonenses como personagens ativas do fenômeno social que é uma epidemia; e o grande destaque dado pela mídia internacional aos profissionais de saúde, homens brancos ocidentais. Talvez a imagem que mais tenha circulado seja a do médico estadunidense Kent Brantly, já recuperado da doença nos Estados Unidos da América. Sem dúvida, Brantly foi o primeiro doente do Ebola que teve a imagem nomeada, personificada, humanizada. O que de fato não ocorreu com a maioria de mulheres, homens e crianças doentes e sobreviventes serra-leonenses, negros e, em sua maioria, pobres. Para lembrar Judith Butler (2015), algumas vidas são mais passíveis de atenção, comoção e luto do que outras.

Polaroids certamente se insere numa linha de disputa, negociação e conflito entre a história narrada de maneira oficial pelo Estado serra-leonense, pela mídia internacional e também pelas organizações humanitárias internacionais de um lado; e, as “memórias subterrâneas” de outro. De acordo com Pollak (1989), estas últimas demonstram o poder opressor da história oficial única, mas também sugere que as memórias do subsolo, não oficiais, agem e transformam-se subversivamente em silêncio.

Portanto, com o decorrer da pesquisa e da leitura das imagens, muito se revelou do potencial deste experimento. Pessoas que muitas das vezes foram fotografadas de forma espetacular, durante a epidemia do Ebola, em momentos

de tristeza e desespero; e, raramente eram personificadas e nomeadas, ao contrário dos agentes de saúde homens brancos ocidentais, agora tinham o poder de serem fotografadas e fotografar da maneira que desejassem. Ali estavam aquelas pessoas, personificadas. E não só pelo fato de serem nomeadas por mim ou serem olhadas por nós, mas sobretudo porquê também nos olham. E, olhando-nos, podem nos falar de tudo, inclusive de perda, sem necessariamente partir de imagens espetaculares: “porque antes de tudo, uma foto não é apenas uma imagem... é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária.” (SONTAG, 2004, 170).

Mas, quando nos olham, nos contam também sobre resiliência e refeitura de mundos devastados. E, certamente, um ensaio como este só foi possível a partir do estabelecimento de uma grande empatia entre a comunidade e a pesquisadora, que segue fotografando com polaroides e pensa que as memórias sobre a epidemia seguem em disputa, mesmo que de modo subterrâneo, ainda hoje, praticamente um ano e meio após o fim da epidemia. E assim continuarão.

Finalmente, reafirma-se que este é um trabalho coletivo e experimental, que contou com a participação das(os) sobreviventes da epidemia de Ebola da comunidade de Komende Luyama, sendo da autoria das(os) próprias(os) a maioria das imagens. Capturadas pela pesquisadora apenas as polaroides indicadas com o símbolo asterisco. Esse método experimental continua em curso no momento, dando foco agora a retratos das mais variadas mulheres serra-leonenses, com diferentes idades, profissões e pertencentes aos mais diferentes distritos e etnias do país. Sempre buscando novos enquadramentos para além daqueles tão bem formatados da história oficial, indo ao encontro do subterrâneo e suas histórias de silêncios subversivos.



Bintou Bah



Mariama Hassan



Fatimata Amara



Aminou Du



Doris Vandi



Mustafa Kimbu



Mohamed Joe



Umara Amara



Messy Momo



Messy Momo *



Fatty Williams



Soli metu Semindo



Soli metu Semindo *



Fatty Williams *



Komende Luysms
2015 ~~ok~~

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 1).

_____, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 3).

_____, W. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras Escolhidas; v. 2).

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DAWSEY, John Cowart. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. In: **Campos** 7(2):17-25, 2006.

DIDIER-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

FELDMAN, Allen. On Cultural Anesthesia: from Desert Storm to Rodney King. In: **American Ethnologist**, maio, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2005.

GINZBURG, Carlo. **História noturna: decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras: 2012.

PIMENTA, Denise Moraes. **Ensaio sobre a promessa: circulação de devotos, palavras, graças e objetos** (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos, Rio de Janeiro**, v2, n3, 1989.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Rio de Janeiro: Estações Graal, 1984.

_____, Susan. **Diante da dor dos outros**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

_____, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RECEBIDO EM 15 DE ABRIL DE 2017
APROVADO EM 7 DE AGOSTO DE 2017